



Programa de Pós-Graduação em Filosofia

FILOSOFIA

Universidade Federal da Bahia

www.ppgf.ufba.br

CADERNO DE RESUMOS

SEMINÁRIO DE PESQUISA 2022.2

“Pretexto espúrio! Deixa então que eu, sozinha,
Erga para o meu irmão amado a sepultura.”

(Antígona, Sófocles)

SALVADOR - 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA SEMINÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA 2022.2

2

Organizadores

Discentes

Alex Nascimento Andrade dos Santos
Marcelo Santana dos Santos

Docentes Responsáveis

Prof. Dr. Henrique Antunes
Prof. Dra. Roberta Magalhães Miquelanti

Coordenação do Curso

Prof. Dr. Marco Aurelio Oliveira da Silva - Coordenador
Prof. Dr. Rafael Lopes Azize – Vice-Coordenador

Assistente Administrativo

Fábio Sales
Ivana Carvalho Marins

Realização

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia

Imagem de fundo: René Magritte

SUMÁRIO

Apresentação	05
--------------------	----

Linha de Pesquisa – Epistemologia e Filosofia da Linguagem

01. <i>As species</i> inteligíveis como efeito da causalidade dos <i>phantasmata</i>	06
Brenda Oliveira do Espírito Santo	
02. O problema da representação em Tomás de Aquino	06
Gilson Damasceno Linhares	
03. As imagens manifesta e científica da pessoa: a tarefa de naturalizar Kant	07
Henri Marcel de Oliveira São Paulo	
04. Averróis latino sobre a dependência ontológica entre o tempo e a esfera celeste	07
Jean Pantoja Santos	
05. O Pensamento Escotista como Precursor da Crítica Husserliana ao Psicologismo na Filosofia	08
Jorge Ricardo da Silva Valois	
06. Presentismo: alternativa para uma visão dinâmica do tempo	08
Taís Alves Dias de Azevedo	

Linha de Pesquisa – Filosofia e Teoria Social

07. Sexo como norma na efetivação da violência ética em Judith Butler	09
Joana de Santana Soares Ribeiro	
08. Considerações sobre o conceito de <i>perfectibilidade</i>	09
José Paulo da Silva Filho	
09. Realismo e ironia no blues como elementos estético-políticos de transcendência da realidade	10
Julia Coelho Gomes Seixas da Fonseca	
10. A ação política enquanto possibilidade de reflexão sobre a dignidade da pessoa humana, no pensamento de Hannah Arendt	10
Luís Antonio Barbosa da Silva	
11. O problema da vontade em Freud e Nietzsche	11
Pedro Teixeira de Castro Pêpe	
12. A noção de emancipação no jovem Marx	11
Roberto Kennedy de Lemos Bastos	
13. Butler e a ressignificação: por uma subjetivação esquisita à norma	12
Stefano Dazzi	

14. Soluções para superação da pobreza na teoria social hegeliana 12
Taiane Andrade Ornelas

15. Ensinar a ser livre: um diálogo entre Beauvoir e Rousseau sobre infância e liberdade 13
Thaís de Andrade Fragas

Linha de Pesquisa – Problemas de Fenomenologia e Hermenêutica

16. Ensaio sobre a liberdade: a situação 14
Daila Ataíde dos Santos

17. O sublime patético em Friedrich Schiller 14
Jéssica Maria Pereira Cordeiro

18. O domínio da doutrina matemática do pensar moderno: uma analítica heideggeriana 15
Lisandra Caroline de Araújo Lima Teixeira

19. O lugar do sujeito e o conceito de subjetividade 15
Thiago Wesley da Silva e Silva

20. Subjetividade sem sujeito: Sartre e seus pontos de divergência com o pensamento moderno 16
Valério Cássio Silva de Oliveira Junior

Apresentação

O Seminário de Pesquisa do Programa da Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal da Bahia é uma atividade acadêmica desenvolvida pelo Colegiado do Curso e visa promover em âmbito interno o encontro entre os estudantes do programa, ao tempo que traz ao público algumas das pesquisas que estão sendo desenvolvidas no semestre em curso. Essa atividade consta como parte do percurso formativo para integralização dos cursos de Mestrado e Doutorado do PPGF e é organizada prioritariamente pelos estudantes sob a responsabilidade de dois docentes indicados pelo Colegiado. Para este Seminário foram selecionados vinte trabalhos divididos segundo as três linhas de pesquisa do programa: (1) Epistemologia e Filosofia da Linguagem, (2) Filosofia e Teoria Social e (3) Problemas de Fenomenologia e Hermenêutica.

Os trabalhos do Seminário de Pesquisa de 2022.2 estão indicados no sumário por ordem alfabética da linha de pesquisa e dos nomes dos discentes das referidas linhas. Nas notas de rodapé estão sinalizados o curso (no caso, Mestrado ou Doutorado), o nome dos orientadores, composto por professores permanentes e professores colaboradores que integram o corpo docente, bem como os contatos dos autores responsáveis pelos resumos. Ressaltamos que muitas destas pesquisas estão em fase de iniciação ou em andamento, desse modo, estão num processo ainda inconcluso - mas guardando, ainda assim, o rigor necessário da pesquisa filosófica.

Nesse sentido, o Seminário de Pesquisa é um espaço para apresentação de trabalhos em curso que se constitui como tempo/local privilegiado de aprendizado e apreciação, em que as/os estudantes têm a oportunidade de divulgar suas pesquisas, ao mesmo tempo que o fazer filosófico de seus trabalhos pode ser ressignificado a partir das diversas contribuições que possam aparecer.

Pretende-se, com a organização destes resumos, apresentar alguns dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA dentro das exigências que são colocadas segundo as orientações da Coordenação do Colegiado através da Comissão Organizadora do Seminário de Pesquisa. Cremos que se não atingimos todo o objetivo nessa organização, parte dele fora alcançado na medida em que procuramos atender as normativas de forma transparente e coletiva.

Este semestre todas atividades serão presenciais. Vale dizer que é um momento significativo para o Programa de Pós-Graduação em Filosofia, pois estamos no vigésimo ano de sua existência. Além da data comemorativa, o caráter inovador demonstrado pelos trabalhos desenvolvidos na pós-graduação em Filosofia da UFBA aponta para a constituição de uma base sólida comprometida com as demandas de uma sociedade em transformação, erguida sobre princípios de justiça e equidade, em que se evidencia, ao mesmo tempo, o rigor da pesquisa filosófica com os interesses dessa mesma sociedade.

Por fim, agradecemos a todas e todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa atividade.

Boa leitura e um bom Seminário de Pesquisa.

Epistemologia e Filosofia da Linguagem

As *species* inteligíveis como efeito da causalidade dos *phantasmata*

Brenda Oliveira do Espírito Santo¹

O presente estudo tem por finalidade apresentar as razões que tornam os *phantasmata* a causa das *species* inteligíveis. Ao considerarmos que em toda relação causal deve-se, necessariamente, supor um efeito que, em certo sentido, seja semelhante à natureza de sua respectiva causa, devemos também admitir que a *species* inteligível, enquanto o efeito do processo de conhecimento, deve ser dito como o que corresponde a uma semelhança de sua (s) causa (s). Dito isso, sendo os *phantasmata* a *materia causae* do conhecimento intelectual, deve-se considerar que os *phantasmata* são, em certo sentido, causa das *species* inteligíveis, uma vez que as *species* inteligíveis são o efeito do processo de conhecimento intelectual. A respeito da relação de semelhança entre o efeito e sua causa, devemos estabelecer, a partir da análise sobre a noção de intencionalidade tomasiana, como essa semelhança se encontra no efeito. Por fim, quando admitimos que os *phantasmata* são a causa do conhecimento intelectual, devemos apontar qual o lugar é reservado para os *phantasmata*.

Palavras-chave: *Materia causae*; *Phantasmata*; Conhecimento intelectual; *Species* inteligíveis; Causalidade.

6

O problema da representação em Tomás de Aquino

Gilson Damasceno Linhares²

Segundo Tomás de Aquino o conceito é o modo como o conteúdo formal da coisa externa passa a existir no intelecto humano. A partir de meados do século XX, se inicia um debate interpretativo sobre o sentido adequado ao termo similitude, os realistas diretos interpretam a semelhança como uma identidade formal entre o conceito e a coisa extra mental. Com base nessa interpretação, nosso conhecimento sobre a coisa extra mental é direto, pois a coisa passa a existir, ainda que sem matéria, no nosso intelecto, portanto, para que se realize o conhecimento basta o cognoscente e a coisa extra mental. A outra possibilidade interpretativa é o representacionalismo que entende o conceito como uma representação mental da coisa externa. A relação epistêmica envolve três elementos básicos, a saber, o cognoscente, a representação mental (conceito) e a coisa extra mental. Portanto, nosso conhecimento seria intermediado por um símbolo mental. A nossa pesquisa pretende investigar a possibilidade de uma fundamentação da tese representacionista, para isto pretendemos responder algumas questões fundamentais, como por exemplo, o que é semelhança por representação? A representação mental impede nosso conhecimento direto do mundo externo? Se as representações mentais são construções de indivíduos, o que garante a objetividade do conhecimento humano?

Palavras-chave: semelhança; coisa extra mental; conceito; representação mental; imaterialidade.

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharela e Licencianda em Filosofia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente desenvolve pesquisa em Filosofia Medieval voltada à Metafísica e Epistemologia, tendo como base o filósofo Tomás de Aquino. E-mail: brenda.oliveira.fsa@hotmail.com. Orientada por Prof. Dr. Marco Aurelio Oliveira da Silva.

² Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Marco Aurélio Oliveira da Silva. Email: linhares753@gmail.com

As imagens manifesta e científica da pessoa: a tarefa de naturalizar Kant

Henri Marcel de Oliveira São Paulo³

Wilfrid Sellars argumenta que temos dois modos de compreender (ou duas imagens) o conceito de “pessoa”: uma imagem manifesta, onde podemos entender a pessoa como aquela sujeita às normas da razão, dotada, portanto, de autonomia, e sendo assim compreendida como o locus da responsabilidade, a origem das razões; e a imagem científica, por meio da qual entendemos o conceito de pessoa como um “sistema complexo”, segundo as descrições mais refinadas presentes na sua época. Ambas as imagens são obviamente contrastantes: enquanto a primeira realça a noção de autonomia como central para a compreensão deste conceito, a segunda parte de uma descrição impessoal que praticamente elimina do seu vocabulário a noção de “pessoa”. A tarefa que Sellars tem em mãos é, portanto, unificar estas imagens dispares em uma única. O dualismo entre ambas as imagens remete ao dualismo de Kant acerca do “mundo fenomênico” e do “mundo numênico” – claro, com suas devidas distinções. O dito “projeto sinóptico” de Sellars de unificar ambas as imagens está no centro do projeto de Sellars de “naturalizar” Kant: conservar a normatividade própria do conceito de pessoa dentro de uma estrutura conceitual científica.

Palavras-chave: Sellars; Kant; Ciência; Naturalismo; Normatividade

Averróis latino sobre a dependência ontológica entre o tempo e a esfera celeste

Jean Pantoja Santos⁴

O propósito desta comunicação é apresentar o percurso argumentativo proposto por Averróis acerca da dependência ontológica do tempo em relação ao movimento da primeira esfera. Para tanto, faço uso da versão latina do filósofo, segundo a tradução de Miguel Scotus do *Longo Comentário sobre a Física*, sobretudo, o livro IV. A partir disso pretendo a delimitação do que de fato foi dito por Averróis e posteriormente recepcionado pela tradição latina de comentários. Esse esforço, portanto, tem por finalidade uma melhor avaliação do impacto averroísta sobre os comentadores latinos que o mencionaram, seja ao endossar diretamente a sua opinião ou ao recusá-la veementemente. Averróis introduziu nos debates medievais de filosofia da natureza importantes aspectos presentes em comentários escolásticos posteriores, especialmente no que diz respeito ao modo como é interpretada a seção do tempo no livro IV da *Física* de Aristóteles. Contam-se entre essas características a descrição dos entes permanentes e sucessivos, a distinção entre forma e matéria aplicada ao tempo, e a associação entre o tempo e o movimento da esfera celeste originada da distinção entre movimento sensível e movimento interno. Esse conjunto de elementos marcam como se dá a relação entre o tempo, a alma e o movimento da esfera celeste. Posto isso, apresento a investigação desde o modo como o comentário do Averróis latino estabelece a dependência ontológica em análise.

Palavras-chave: Escolástica; Cosmologia; Tempo; Averróis

³ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Valdomiro da Silva Filho. Contato: henrisp97@gmail.com.

⁴ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Dr. Marco Aurélio Oliveira da Silva. Contato: jn_pantoja@hotmail.com.

O Pensamento Escotista como Precursor da Crítica Husserliana ao Psicologismo na Filosofia

Jorge Ricardo da Silva Valois⁵

O presente artigo tem como tema a crítica do psicologismo de Husserl preconizada pela filosofia de Duns Scotus. Trata-se de uma pesquisa cujo objetivo é estudar de que forma a reflexão do filósofo escocês serviu de base para a crítica de Husserl ao psicologismo, conforme apontado por Heidegger, especialmente quando Scotus defende a autonomia e independência do *ens rationae* com relação ao *ens naturae*. Husserl entendia que, desde sempre, a Filosofia pretendeu ser uma ciência estrita, ou seja, uma ciência que satisfizesse suas necessidades teóricas mais profundas e tornasse possível uma vida regida por normas puramente racionais. Porém, um dos obstáculos apontados pelo filósofo alemão é o naturalismo, no qual se quer enquadrar tudo como natureza, como submetido a leis espaço-temporais, daí a explicação da Filosofia como um psicologismo. Husserl desenha a sua crítica ao psicologismo na Filosofia, lançando as bases para uma ciência filosófica a partir da consciência pura, conforme estudado no seu método fenomenológico. De acordo com Heidegger, a base para o entendimento husserliano está na diferenciação entre ente lógico e ente de natureza, que já possui raízes na filosofia escotista, o qual distingue esses dois tipos de ente, apresentando-os como independentes. De um lado, o *ens naturae* estaria no domínio da física e do concreto, que pode ser observado e pesquisado por meio de faculdades sensitivas; de outro, tem-se o *ens logicum*, o qual é fundador das intenções e abre caminho para a reflexão filosófica, que prescindiria do domínio do natural.

Palavras-chave: Psicologismo. *Ens Naturae*. *Ens Rationae*.

Presentismo: alternativa para uma visão dinâmica do tempo

Táís Alves Dias de Azevedo⁶

Entre as várias teorias metafísicas do tempo está o Presentismo. A sua essência é afirmar que nada, que não esteja presente, existe. Assim, tudo o que existe está restrito ao presente. Obtemos uma visão dinâmica do tempo se acrescentarmos que a realidade consiste em uma sucessão de presentes. Existe uma variedade de teorias presentistas e cada uma delas se depara com duas perguntas, a saber: “O presente tem alguma duração?”, “Se o passado não existe, como pode haver afirmações verdadeiras sobre ele?”. Diferentes teorias presentistas podem dar respostas diferentes a essas perguntas. O objetivo dessa comunicação é expor o *Presentismo Composto* e utilizá-lo para provar que as questões “O tempo é dinâmico?” e “O tempo tem uma direção ou seta?” são questões distintas. De fato, veremos que o Presentismo Composto retrata uma visão dinâmica do tempo na qual o tempo não tem uma direção ou seta.

Palavras-chave: Presentismo; Metafísica do tempo; Tempo dinâmico.

⁵ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Marco Aurelio Oliveira da Silva. Contato: ricardo.jorge@ufba.br

⁶ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Abel Lassalle Casanave; e coorientado por Prof. Dr. Emiliano Boccardi. Contato: taisazevedo@impa.br.

Filosofia e Teoria Social

Sexo como norma na efetivação da violência ética em Judith Butler

Joana de Santana Soares Ribeiro⁷

A nossa proposta é problematizar como a ética possibilita a efetivação da violência mediante a categoria sexo. Em um primeiro momento apontaremos como a violência do enquadramento normativo, cultural, incide sobre a sexualidade. Nesse contexto, faremos uma análise crítica dos princípios que remetem a sexualidade como resultado da heterossexualidade. De forma hegemônica a noção de sexo se vincula ao imperativo heterossexual, mesmo que isso não esteja explícito. Em segundo momento, faremos uma análise detalhada dos sujeitos que cumprem o papel social da mulher, esse indivíduo que politicamente carrega as marcas de sexo, gênero e por vezes, de raça, cujo lugar é limitado pela representação jurídica. Os princípios e ideais femininos presentes na coletividade são pautados na opressão e na omissão, a partir de um “nós” universal, de matriz heterossexual e viés excludente. O apelo a noção de sexo e gênero são meios de repetir categorias que, historicamente se tornaram ontológicas, o que dá continuidade ao processo de subalternização da mulher. Por fim, resgataremos a noção de responsabilidade para compreender a proposta de Judith Butler em apontar em termos de mudança ética, a necessidade da infundável tarefa de questionar o uso das categorias políticas.

Palavras-chave: sexo; normas; enquadramento; ética; violência

Considerações sobre o conceito de *perfectibilidade*

José Paulo da Silva Filho⁸

Esta apresentação tem como objetivo uma breve exposição do conceito de *perfectibilidade*; termo cunhado por Rousseau no *Discurso sobre a desigualdade*. Definida pelo autor como uma “faculdade de se aperfeiçoar” (em relação estreita com a condição de “agente livre” atribuída por Rousseau à espécie humana), a *perfectibilidade* assinala uma distinção fundamental entre o homem e os outros animais, assumindo grande importância na *história* desenvolvida no *Discurso* por ser a faculdade que, “com a ajuda das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras”. Examinaremos a peculiaridade do conceito de *perfectibilidade* delimitando sua radical diferença com a noção de *aperfeiçoamento* utilizada por Turgot, por exemplo, que ainda se orienta por um sentido “estático e espacial”, como escreve Koselleck, e com sua posterior associação à noção de *progresso*. É na temporalização do conceito de *aperfeiçoamento* e na introdução da sua meta (ou finalidade), antes concebida em termos espaciais, no próprio “agente livre”, que se encontra a novidade do conceito elaborado por Rousseau.

Palavras-chave: Perfectibilidade; Progresso; História.

⁷ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientada por Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: joanassribeiro@hotmail.com.

⁸ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Daniel Tourinho Peres. Contato: jpsfpaulofilho@hotmail.com.

Realismo e ironia no blues como elementos estético-políticos de transcendência da realidade

Julia Coelho Gomes Seixas da Fonseca⁹

O objetivo deste trabalho é explorar os elementos estéticos realismo e ironia contidos no *blues clássico*. Esses, dentro da *performance* do *blues*, apareceriam como capazes de transcender a realidade opressiva estabelecida, estimulando o senso crítico e uma subjetividade em que desperte o autoconhecimento e a identidade da mulher negra sem as ideologias racistas e sexistas. O *blues clássico* é referido às mulheres negras no início do século XX, possuindo as vozes da Gertrude Ma Rainey e da Bessie Smith como as principais representantes. Em *Blues Legacies and Black Feminism*, Angela Davis aponta como principais características desse gênero o realismo e a ironia. Através desse primeiro, as cantoras de *blues* representavam em suas canções temas cotidianos que perpassavam a vida da mulher negra: violência doméstica, interesses sexuais, racismo, sexismo, dentre outros. Já a ironia fazia parte da *performance* do *blues* e era utilizada como um recurso estético de provocar o público, convidando-o a participar ativamente da apresentação, bem como de demonstrar insatisfação com a realidade representada e denunciar as opressões de modo que o opressor não consiga interpretá-las. Assim, para melhor elucidação do objetivo proposto, a apresentação contará com uma exposição desses elementos estéticos: suas funções e como aparecem, e sua influência no *blues clássico* de acordo, principalmente, com o estudo realizado pela Angela Davis.

Palavras-chave: *blues*, realismo, ironia, estética

A ação política enquanto possibilidade de reflexão sobre a dignidade da pessoa humana, no pensamento de Hannah Arendt.

Luís Antonio Barbosa da Silva¹⁰

Após enunciar as três atividades humanas fundamentais da *vita activa*, o trabalho, a obra e a ação, Hannah Arendt afirma em *A Condição Humana* que “Os homens podem perfeitamente viver sem trabalhar, obrigando outros a trabalharem para eles; e podem muito bem decidir simplesmente usar e fruir do mundo de coisas sem lhe acrescentar um só objeto útil; a vida de um explorador ou senhor de escravos e a vida de um parasita podem ser injustas, mas certamente são humanas. Por outro lado, uma vida sem discurso e sem ação – e esse é o único modo de vida em que há sincera renúncia de toda aparência e de toda vaidade, na acepção bíblica da palavra – é literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens”. A partir do projeto teórico arendtiano, especialmente do conceito de ação política, pretendemos refletir sobre a dignidade da pessoa humana, enquanto conceito que nasce do mundo humano.

Palavras-chave: Política; Tradição; Dignidade; Hannah Arendt.

⁹ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Vinicius dos Santos. Contato: julia_CoelhoG98@outlook.com.

¹⁰ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Leonardo da Jorge da Hora Pereira. Contato: luis.silva@mpt.mp.br.

O problema da vontade em Freud e Nietzsche

Pedro Teixeira de Castro Pêpe¹¹

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a noção de vontade e seus fundamentos nas teorias de Freud e Nietzsche. Mais especificamente, àquilo que esses autores identificam como os fundamentos da vontade humana, isto é, as tendências que impulsionam o sujeito ao ato e dirigem sua psicodinâmica. Tema essencial para a compreensão das teorias psicológicas de ambos os autores. Com isso, propomos uma análise comparativa entre o monismo nietzschiano da vontade de poder e o dualismo freudiano das pulsões de vida e de morte, onde investigaremos suas diferenças e semelhanças. Atentamos para o fato de que nenhuma proposição filosófica é inócua, elas são prismas que enviesam nosso olhar e nos conduzem a determinadas formas de pensar o homem. Essa perspectiva é basal para qualquer doutrina que, como a psicanálise, propõem suas técnicas com base em um conceito de saúde mental que pressupõe uma determinada forma de pensar a natureza humana. O trabalho consistirá em uma revisão de literatura em que serão analisados textos referentes ao tema dos princípios da vontade em Nietzsche e Freud a fim de relacioná-los. Para isso serão utilizados tanto os textos de cada autor sobre os respectivos temas, como os de alguns de seus comentadores, e a literatura já existente sobre as possíveis relações entre essas teorias. No que diz respeito a essa literatura pré-existente, de forma preliminar encontramos nela posições similares que, no geral, parecem concordar com o fato de que, apesar de as teorias de Freud e Nietzsche terem grandes pontos de semelhança, elas são, em última instância, distintas. Percebemos, frente a isso, uma abertura para novos diálogos a partir da investigação das nuances implicadas no confronto entre essas duas teorias próximas, porém, independentes.

Palavras-chave: Nietzsche; Freud; Vontade; Impulsos; Pulsões.

A noção de emancipação no jovem Marx

Roberto Kennedy de Lemos Bastos¹²

Partindo de uma crítica da Liberdade como autodeterminação, a pergunta que norteia essa pesquisa e que tem por finalidade entender a noção de emancipação no jovem Marx, emerge da tensão existente entre indivíduo e sociedade civil burguesa que se estende do século XIX ao século XXI, passando por revoluções e guerras que promoveram um certo desencanto para com os ideais iluministas e a liberdade enquanto emancipação ser possível. Talvez, justamente por isso, se justifique fazer essa pergunta: A emancipação (nesse sentido do humano) é uma questão de liberdade individual (política) ou uma questão de emancipação humana integral coletiva (social)? Em contexto atual, essa autodeterminação pode ser entendida como “ação ou resultado de decidir por si mesmo” ou, ampliando, “a capacidade, direito ou ação (de um indivíduo, grupo, uma instituição etc.) de decidir, por si mesmo, as questões que afetam sua própria vida e de lutar, perseverar para atingir seus objetivos e realizar seus próprios projetos”. As condições de possibilidade, todavia, para que essa autodeterminação possa realizar-se, em conformidade com esse entendimento anteriormente exposto, não poderiam acontecer em um tempo onde as liberdades individuais não fossem observadas na forma de um código civil. Ao que parece, desde muito cedo, Marx recebeu esmerados estímulos no sentido da consecução de um tal senso republicano e democrático liberal.

¹¹ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. André Luís Mota Itaparica. Contato: ptc.pepe@gmail.com.

¹² Estudante do Doutorado do PPGF/UFBA. Orientado por Prof. Dr. Mauro Castelo Branco de Moura. Linha de pesquisa: Filosofia e Teoria Social. E-mail: bettokennedy@hotmail.com.

Mas as condições materiais enquanto fundamentos incontornáveis para uma consciência, ao que parece, pode-se julgar não ter ainda, forma e consistência em 1841 como terão em 1844 e adiante, porém, seu período em Berlim é caracterizado pelo estudo mais acurado da filosofia hegeliana. Com efeito, se Hegel reconheceu o trabalho como a essência do homem, Karl Marx, através do conceito de alienação, “resgata” a dialética invertendo o sentido do *telos* agora orientado pelo materialismo, denunciando a radicalidade da alienação e da exploração do homem.

Palavras chave: Emancipação, alienação, autodeterminação.

Butler e a resignificação: por uma subjetivação esquisita à norma

Stefano Dazzi¹³

12

O objetivo geral desta apresentação é expor de que forma o poder, a partir de uma perspectiva Foucaultiana apropriada por Judith Butler, pode produzir regimes de verdade que vêm a regular a maneira como um indivíduo pode/deve moldar sua subjetividade (ou produzir a si mesmo) para que possa ser então reconhecido como sujeito [“racional” ou “de direito”]. Butler evidencia que este regime normativo [que determina quais formas de ser são ou não reconhecíveis] não é imediatamente violento, mas pode vir a exercer violência ao incorrer num anacronismo que tenta impor no hoje um éthos que já não mais é – uma apropriação que a autora faz das ideias de Adorno ao falar de violência ética. Visto que a constituição de nós mesmos como sujeitos a partir dessas normas parece inescapável, além de evidenciá-las abordaremos algumas possibilidades de resistência inerentes a este mesmo processo, como a adoção de uma postura subversiva no que Butler entende como o processo de “subjetivação” (ou processo de feitura de si). Aproximaremos essa postura de um certo devir *queer* que, frente à falta de reconhecimento alheio e à incapacidade de dar esse reconhecimento ao outro de acordo com as normas disponíveis, produz novas palavras, subverte sentidos e adota uma postura que se afirma a partir da diferença.

Palavras-chave: Subjetividade; Resistência; Queer; Assujeitamento; Subjetivação.

Soluções para superação da pobreza na teoria social hegeliana

Taiane Andrade Ornelas¹⁴

Hegel concebe a pobreza como inerente à sociedade civil burguesa, consequência da industrialização no estágio inicial do capitalismo. No domínio da sociedade civil, o direito à vida, esse pressuposto para a liberdade, exige que os recursos sejam distribuídos de forma que os indivíduos possam garantir sua subsistência e seu bem-estar. A pobreza é uma condição que fere o princípio da particularidade, viola o direito à subjetividade e à vida. A promessa de liberdade da sociedade civil moderna é a capacidade de prover a própria subsistência por meio de uma atividade socialmente reconhecida. Os pobres não encontram o bem-estar nem o sustento através do seu trabalho, nem possuem reconhecimento na sociedade civil, onde as relações são mediadas pelo trabalho. O objetivo da apresentação é a questão da pobreza na seção da Sociedade civil, particularmente os parágrafos de 241 a 253, dos *Princípios da filosofia do direito* de Hegel onde será analisado: quais os mecanismos de superação da pobreza apresentados por Hegel em sua teoria social e sua eficiência na garantia dos direitos e da liberdade dos indivíduos na

¹³ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: stefanodazzi@ufba.br.

¹⁴ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientada por Prof. Dr. Leonardo Jorge da Hora Pereira. Contato: taiornelas@hotmail.com.

sociedade civil? No primeiro momento, apresento a concepção hegeliana de pobreza e como esse fenômeno emerge, necessariamente, das dinâmicas entre a relação de necessidade, trabalho e mercado, gerando injustiça social e desigualdades. No segundo momento, descrevo as consequências da pobreza como a perda do que constitui a característica fundamental dos tempos modernos, a liberdade subjetiva do indivíduo, seu direito de ser reconhecido e honrado como tal e a garantia de existir na e pela sociedade, com os outros. Por fim apresento os potenciais de superação da pobreza sugeridos por Hegel e estabeleço os limites dessas soluções.

Palavras-chave: Hegel; Pobreza; Sociedade Civil; Liberdade.

Ensinar a ser livre: um diálogo entre Beauvoir e Rousseau sobre infância e liberdade

Thaís de Andrade Fragas¹⁵

13

Apesar de partir do princípio de que não há educação que não fracasse, Beauvoir é explícita ao afirmar o acerto de Rousseau na recusa a qualquer forma de opressão no processo educacional. De modo que é na aquiescência da liberdade como ponto de partida do que *é* ser humano e de que daí deve partir qualquer educação, que a relação entre Beauvoir e Rousseau se fortalece. Não é de se estranhar que Beauvoir considerava-o como um de seus autores preferidos. Tendo em vista essa relação, o que se propõe nesta oportunidade é indicar não só a influência de Rousseau na concepção Beauvoiriana de educação, mas, através do diálogo entre eles, defender que há, na autora, o germe do que podemos chamar de educação existencial ou educação para liberdade. Logo no início do *Emílio*, Rousseau afirma que a sua pretensão ao escrever um tratado sobre a educação era o de ensinar à criança um único ofício: viver. Mas, o que seria, então, viver? A resposta está nas páginas seguintes: "Viver não é respirar, é agir". Aprender a agir demanda ter a possibilidade de exercer sua liberdade motora e da vontade. Para Beauvoir, a situação da existência enquanto criança passa pelo reconhecimento do próprio ser e pela descoberta de si mesmo enquanto liberdade. Por outro lado, é, também, o momento em que outras existências começam a restringir o exercício da sua liberdade. Mas isso não é tudo, a infância é o momento em que se busca a atividade, a autonomia, ou seja, o mover-se e o realizar-se no mundo. Dessa forma, a partir da leitura de Beauvoir à luz do *Emílio* de Rousseau, aponta-se que uma educação existencial seria aquela que respeitasse e propiciasse o exercício da liberdade da criança para ensiná-la a ser um indivíduo responsável que assumira suas ações.

Palavras-chave: Existencialismo; Infância; Educação; Beauvoir; Rousseau.

¹⁵ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientada por Prof. Dr. Vinícius dos Santos. Contato: fragas.thais@gmail.com.

Problemas de Fenomenologia e Hermenêutica

Ensaio sobre a liberdade: a situação

Daila Ataíde dos Santos¹⁶

Buscando a compreensão do que é a liberdade desenvolvida (abstrata e prática) por Sartre em seus escritos filosóficos e de ficção, foi escolhida, para este ensaio, a Quarta Parte de “O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica” (1943), intitulada “Ter, fazer e ser” dedicada ao esclarecimento do conceito de liberdade em âmbito prático, isto é, em situação. Os limites frente à liberdade devem ser refletidos. Será que podemos condenar ao escravo a liberdade de Sartre? O escravo é livre para escolher? O objeto a ser apresentado é a “liberdade situada”, precipuamente ela é entendida como atributo e não como Sartre a tematiza, isto é, na ação. Ter, fazer e ser fazem parte dessa categoria de conceitos e nos ajudam a compreender a conduta do *para-si*, na ação, buscando, inutilmente, determinar-se, haja vista que a liberdade é pura nadificação e, conseqüentemente, não há determinação para o *ser* do homem. Os limites condicionantes da facticidade estão naquilo que determina o homem historicamente, como o local e a família que o indivíduo nasce, sua aparência física, suas heranças genéticas etc., e essas condições não são suficientes para negar, ainda que seja para o escravo, a liberdade existencial, muito pelo contrário: “as resistências que a liberdade desvela no existente [...] permite-lhe surgir como liberdade”. Transcender é abrir o leque para possibilidades do *vir-a-ser* humano. Na defesa da posição sartreana da liberdade como inerente à existência humana, de que o homem é livre e é a sua própria liberdade, é preciso ampliar esse argumento para que também seja compreendido que há limites para tal condição humana. A liberdade, seja ela estritamente existencial ou cotidiana, sempre será situada, terá um “limite” para as escolhas livres, uma “relação com a facticidade”. A facticidade parece determinar o que será feito do homem, ou mesmo o que dele já foi feito, dado como ser *em-si*. Desse modo, compreendendo que a liberdade é dada na situação, segue-se que a liberdade existencial não pode ser alienada nem mesmo em um escravo. Por vezes são destacados problemas que o homem não consegue escapar, uma vez que a situação se encontra neles mesmos. É notório aos seus leitores que Sartre costuma retratar situações tendo em xeque problemas ético-morais. Esses problemas são concernentes: a responsabilidade, a angústia, a liberdade, a “consciência reflexiva” e outros conceitos categóricos indissociáveis à filosofia do autor, de tal forma que são necessários na discussão acerca da existência, bem como da realidade humana.

Palavras-chave: Escravo; Existencialismo; Facticidade; Liberdade; Liberdade Situada; Moral.

14

O sublime patético em Friedrich Schiller

Jéssica Maria Pereira Cordeiro¹⁷

O sublime ocupa lugar de destaque nas contribuições de Friedrich Schiller ao debate moderno da estética. Na década de 1790, o dramaturgo publicou artigos em duas revistas de sua organização – a *Neue Thalia* e a *Die Horen* – em que partindo de uma apropriação do sublime kantiano busca refletir acerca da possibilidade de uma experiência estética para além dos limites apontados por Kant na terceira crítica. Transpondo o sublime da natureza para a arte, Schiller propõe uma mudança nas terminologias de

¹⁶ Mestranda em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientada por Prof. Dr. Vinicius dos Santos. Contato: dailaataide@gmail.com.

¹⁷ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientada por Prof. Dra. Sílvia Faustino de Assis Saes. Contato: jhmacordeiro@gmail.com

“sublime matemático” e “sublime dinâmico” para “sublime teórico” e “sublime prático”. Este trabalho tem como objetivo investigar o sublime patético – uma subcategoria do sublime prático schilleriano – e o seu lugar enquanto uma experiência mediada pela faculdade da imaginação em que a representação do sofrimento revela a dependência humana em relação à natureza, mas que, por meio de sua capacidade para resistir, demonstra nossa independência racional ou moral. O sublime patético está restrito à arte e, mais especificamente, àquele gênero artístico em que a apresentação do sofrimento humano constitui um meio para sua finalidade, isto é, a tragédia.

Palavras-chave: Sublime; pathos; tragédia.

O domínio da doutrina matemática do pensar moderno: uma analítica heideggeriana

Lisandra Caroline de Araújo Lima Teixeira¹⁸

O projeto de pesquisa proposto tem como objetivo fazer um percurso através do pensamento heideggeriano acerca da crítica à modernidade, centralmente pautado na delimitação do fundamento matemático moderno que permeia toda a forma de pensamento. Assim, deve-se analisar a essência do elemento fundante desse projeto axiomático matemático de domínio do real, pautado na mudança da concepção de verdade e de ente da natureza, de forma que este passa a ser tido enquanto plenamente elaborado através do cálculo numérico. Permeia-se, dessa forma, a crítica heideggeriana a partir da fundamentação do sujeito cartesiano enquanto substrato de todo o conhecimento possível e, posteriormente, através da fundamentação da modernidade com Descartes em conjunto com a determinação da física moderna matemática por Galileu e Newton, analisar na *Crítica da razão pura* (2001) de Kant a mudança na determinação da coisa da natureza enquanto objeto do conhecer e, por conseguinte, elaborar qual a essência própria do elemento matemático na modernidade como projeto de domínio sobre a coisalidade da coisa.

Palavras-chave: modernidade; matemática; verdade; metafísica

O lugar do sujeito e o conceito de subjetividade

Thiago Wesley da Silva e Silva¹⁹

A discussão sobre o lugar do sujeito esteve em destaque no pensamento moderno ocidental, se constituindo como um tensionamento a ser enfrentado pela filosofia contemporânea. Algumas formulações importantes se desdobraram sob a “morte do sujeito” — como entre estruturalistas e pós-estruturalistas. Em certa medida, essa perspectiva encontra terreno na ontologia existencialista. É preciso, portanto, situar as noções que convém a uma filosofia da liberdade recusar, ao tempo em que delinearemos o conceito de subjetividade que reivindica. Partiremos do gesto de Sartre em desenvolver um conceito de subjetividade com ancoragem no pensamento de Marx, através da dialética dos três termos: necessidade, trabalho, prazer. Em seguida, posicionaremos o conceito de subjetividade em sua relevância para o conhecimento dialético do social; como correlato dialético do inter-subjetivo histórico, uma encarnação da sociedade total. Buscaremos, por fim, configurar o desafio existencialista de tomar por objeto a subjetividade: as dificuldades próprias da busca por conhecer aquilo que, por definição, implica uma

¹⁸ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientada por Prof. Dra. Acylene Maria Cabral Ferreira. Contato: lisandrateixeira1010@gmail.com.

¹⁹ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Rafael Lopes Azize. Contato: thiagowesley1@hotmail.com.

obscuridade de si — o não saber — e o ter-de-ser. Nesse cenário, cabe a delimitação do conceito e dos papéis da consciência na realização de uma subjetividade; a consciência posicional e o lugar de sujeito como uma assunção da subjetividade que se é. Sob o aspecto do ter-se-ser: o lugar do passado; a temporalidade e a nadificação como gesto do para-si. A gratuidade da existência: surgimento e transformações possíveis a uma interioridade singular.

Palavras-chave: Existencialismo; Sujeito; Subjetividade; Consciência.

Subjetividade sem sujeito: Sartre e seus pontos de divergência com o pensamento moderno

Valério Cássio Silva de Oliveira Junior²⁰

16

Uma leitura comum do pensamento de Jean-Paul Sartre é a de que este figure enquanto um filósofo remanescente da modernidade. Segundo Gerd Bornheim, a vinculação de Sartre com o pensamento moderno se dá em razão da suposta exigência de Sartre um fundamento indubitável para o conhecimento e, da pretensa manutenção da dicotomia sujeito/objeto. Esta pesquisa segue uma linha distinta. Se por um lado, Sartre se utiliza de conceitos cartesianos, kantianos e de outros filósofos que contribuíram para a consolidação dos paradigmas modernos de subjetividade e sujeito, por outro lado a revisão sartreana da relação subjetividade-sujeito-mundo não pode ser diretamente vinculada à modernidade. Isso fica evidente se considerarmos, entre outras coisas, que A) Sartre defende a ideia de uma subjetividade sem sujeito, cuja identidade e individualidade prescindem da figura do 'Ego'; B) O sujeito (aquilo que se auto-identifica como sendo um certo 'Eu' individual e distinto dos demais) para Sartre, é constituído nas suas relações intersubjetivas e objetivas. Nesta apresentação intenta-se expor os argumentos que justificam as afirmações A, B enquanto formas de demonstrar a incongruência em apontar Sartre como um remanescente da modernidade.

Palavras chave: Fenomenologia, Modernidade, Subjetividade, Consciência de si, Epistemologia.

²⁰ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientado por Prof. Dr. Vinicius dos Santos. Contato: valerio_kassio@hotmail.com